

Memória de Magalhães Mota

A notícia surpreendeu-nos a todos. Joaquim Magalhães Mota há muito que estava retirado da vida pública, mas era uma referência que os seus amigos não podem esquecer. Disse-se que o político deixou a ribalta por desilusão e ressentimento. Desilusão, sim, mas não posso concordar com o ressentimento, uma vez que sempre o encontrei com um espírito aberto e positivo. A sua exigência crítica sempre foi construtiva. Nem sempre concordámos politicamente, mas nunca deixámos de ser amigos e de nos entender no essencial, mesmo quando seguimos por caminhos diferentes em 1985. Recordo-me bem que estivemos inteiramente de acordo quando encerrámos a experiência da ASDI, evitando que houvesse aproveitamentos abusivos de um projecto que desejámos regenerador e reformista e que deixou sementes positivas na vida política portuguesa. Conheci-o pessoalmente na Rua Viriato, na SEDES, e sobretudo depois de Maio de 1974, ao lado de Francisco Sá Carneiro e de Francisco Pinto Balsemão. Descobri nele, desde sempre, um homem leal e um trabalhador incansável, organizado e sistemático. Guardo muitos dos seus recados em pequenos quadrados de papel branco,

numa letra regular e claríssima, que recebi durante onze anos de contacto ininterrupto. Sobre os mais diversos assuntos, havia sempre uma ideia, uma pergunta, uma sugestão. Tantas vezes fui da Filipe Folque, local do seu escritório, à Rua Pedro Nunes, a casa de António de Sousa Franco, ou vice-versa, para tratar qualquer urgência conjuntural, quando a vida política era feita de generosidade e de mil solicitações. Magalhães Mota era generoso e essa virtude levava-o a desdobrar-se entre tarefas diferentes e heterogéneas. Foi com ele que comecei a trabalhar, na Praça do Comércio, no Ministério do Comércio Interno, recém-licenciado em Direito, ainda antes da reorganização da Faculdade de Direito. Ninguém que tenha trabalhado com Joaquim Magalhães Mota pode esquecer a sua influência. Sendo muito discreto, era um homem do serviço público, que não via a política como domínio das vaidades e das ostentações. Conhecia bem os terrenos que pisava, estudava os te-

mas que tratava, até à minúcia, o que obrigava quem estivesse com ele a trabalhar intensamente e a consultar relatórios impensáveis que a sua memória prodigiosa recordava nos tais papelinhos escritos a verde, a castanho ou a negro. Num tempo em que era difícil a consulta de arquivos, Magalhães Mota era temível na descoberta das contradições ou dos deslizos de um adversário. Mas a história não deixará por certo de registar, quando for feita, o papel fundamental que desempenhou quando Francisco Sá Carneiro durante grande parte do ano de 1975 foi obrigado por doença a abandonar o timão do

PPD. Como reconheciam vários amigos comuns na noite em que velámos o seu corpo, com saudade e consternação, foi ele e a sua vontade que manteve o partido como um dos esteios do compromisso constitucional fundador da democracia portuguesa. E não foi fácil essa acção, quando havia tantos cantos de sereia que apontavam caminhos aventureiros e irresponsáveis que poderiam ter deitado tudo a perder. O seu posicionamento no centro-esquerda (a partir de uma síntese cristã-democrata e social-democrata) levou-o a entender que era necessário um equilíbrio, que obrigava o PPD a não perder contacto com o círculo fundador do regime, envol-

vendo a componente democrática do MFA e os partidos constituintes (em especial o PS). O certo é que em 1974 e 1975 a democracia portuguesa deveu muitíssimo a este homem discreto e influente, que um dia disse, citando Chesterton, no auge do Verão quente, que o fundamental na democracia era saber escolher entre contar cabeças e cortar cabeças. E a verdade é que esta afirmação significava a um tempo a recusa dos radicalismos de qualquer sinal, a intransigente demarcação de saudosismos e de fatalismos, e a necessidade de haver respeito pelo voto popular e compromissos sérios, numa linha europeia. Pierre Mendès-France era uma das suas referências, por causa do rigor e da recusa do populismo. Tal como a do mestre, a sua coerência levou-o à incompreensão. Mas, para os mais jovens, fica a memória de alguém que cultivava a política como um acto de nobreza e de dignidade. Longe de ressentimento, a sua virtude era a incerta procura da justiça.

